



Imagem: Registro dos participantes no 1º encontro nacional. Fonte: Acervo ERA

## 1º ENCONTRO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DE EXTENSIONISTAS E AGENTES DE ATER



Imagem: Registro dos participantes no 1º encontro nacional. Fonte: Acervo ERA

# **Relatoria do 1º Encontro Nacional sobre Formação de Extensionistas e Agentes de Ater**

## **Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)**

Ministro Luiz Paulo Teixeira

## **Secretaria de Agricultura Familiar e Agroecologia (SAF)**

Secretário Vanderley Ziger

## **Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Dater)**

Diretor Marenilson Batista da Silva

## **Coordenadora-Geral de Formação, Construção do Conhecimento e Fomento à ATER**

Coordenadora Regilane Fernandes

## **Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – Condraf**

Secretário-Executivo Samuel de Albuquerque Carvalho

## **Comissão Organizadora**

### **GT Formação Comitê Permanente de Ater do Condraf**

- Rede Ater Nordeste de Agroecologia
- Cenater
- Irpaa
- Asbraer/Emater-RN
- CGAN-Ministério da Saúde
- Faser
- Anater
- Dater-SAF-MDA
- UnB (convidada)

**Público:** Representações de organizações parceiras do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA): Anater, Asbraer, Faser, Embrapa, Finep, Universidades, Institutos Federais, Movimentos Sociais, Ministérios e outros órgãos federais, Comitê Permanente de Ater do Condraf e as Superintendências Estaduais do MDA.

**Relatoria:** Projeto ERA – Extensão Rural e Agroecologia/UnB: César Adriano de Souza Barbosa, Jéssica Rodrigues Pereira, Nina Paula Laranjeira, Thábata Bezerra.

**Brasília - 2025**

## 1. Introdução

O 1º Encontro Nacional dos Projetos de Formação de Agentes de Ater foi realizado pelo Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural, da Secretaria de Agricultura Familiar e Agroecologia, do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (Dater/SAF/MDA) com o objetivo de reunir parceiros com os quais o Dater assinou Termos de Execução Descentralizada (TED) para o desenvolvimento de projetos com componentes de formação de extensionistas e agentes de Ater. Entre estes parceiros, estão diferentes unidades da Embrapa e universidades federais.

No convite a parceiros para o evento, assim escreve o Dater:

“Os diálogos com movimentos sociais e os diálogos internos MDA tem convergido para a necessidade de um Programa/Estratégia Nacional de Formação de Agentes de ATER, que unifique as ações de parceiros estratégicos de referência no tema, como ANATER, INCRA, CONAB, Universidades, Institutos Federais, EMBRAPA, GIZ e outros.

Ao longo de 2023, a SAF firmou parcerias importantes com estas organizações e entramos agora em um momento propício de promover a articulação do conjunto destas iniciativas, de forma a convergir com a construção da ação nacional de formação de agentes.”

O evento ocorreu na Embrapa Sede, em Brasília, e durou todo o dia 18 de março de 2024. Além da mesa de abertura com representantes de ministérios, Anater, universidades e organizações da sociedade, representantes de projetos presentes apresentaram suas ações voltadas à formação de extensionista. Em um terceiro momento, abriu-se o debate, tendo como motivação, algumas questões norteadoras que objetivavam direcionar a discussão para convergência entre os projetos, que pudessem apontar concepções, arranjos institucionais e metodológicos para a construção do Programa de Formação de Agentes de Ater.

Neste relato procuramos registrar as apresentações e debates ocorridos neste encontro, para que possam somar na elaboração do referido Programa.

## 2. Mesa 1 - Abertura

Representantes institucionais: Marenilson – Dater/SAF/MDA; Ana Euler - Diretora-Executiva de Negócios da Embrapa; Moisés Savian – SFDT/MDA; Camile/MDS; Cleison Durval – Presidente da Emater/DF; Ronaldo Ramos – Contag; Leomárcio/ Via Campesina; Camilo Capiberibe – Diretoria Administrativa e financeira da Anater; Daniel Peter - Departamento De Políticas De Gestão Ambiental Rural/ MMA; José Nilton – representado a Faser; Edward Madureira – Professor UFG, ex-reitor UFG e atual assessor da Finep/MCTI.

Foto 1 – Mesa de abertura.



Fonte: Arquivo ERA

**Marenilson/Dater/SAF/MDA** – deu boas-vindas a todas e todos da mesa: “a saudação será breve pois o foco é ouvir os projetos, e como a gente encontra convergência para que lancemos agora em abril o programa nacional de formação de agentes de Ater”. Informa que a há demanda do ministro para tratar da formação de agentes de Ater como fundamental. Falou da importância de metodologias que se aproximem dos fazeres dos agentes em campo.

**Ana Euler/Embrapa/ Diretoria da Anater** – Inicia registrando que a Embrapa é uma empresa de pesquisa pública de serviço de desenvolvimento de todas as trabalhadoras e trabalhadores rurais, povos e comunidades tradicionais e agricultura brasileira com toda sua diversidade. Há diversas parcerias com as secretarias do MDA para o desenvolvimento de projetos em unidades em várias regiões. Saúda também o MDA que tem um papel decisivo a cumprir, que é o desafio maior de governo: erradicar a pobreza e a fome no Brasil. Trouxe também importância da liderança do Brasil no G20, no combate à fome (o que também contribui para reduzir as guerras) e diante do desafio de produzir alimentos diante das mudanças climáticas.

Enfatiza que a mensagem é: as florestas têm um papel fundamental de produção de alimentos. Não são só importantes para o clima, mas também produzem alimentos e meios de vida. Informa estarem criando uma gerência de inclusão socioproductiva para trabalhar com temas como redes de inovação social, estratégias de desenvolvimento rural e mecanismos de inclusão socioproductiva. Querem dar o mesmo peso para a agricultura dos pequenos, médios e grandes agricultores e identificam este momento como importante para discutir as relações com entidade do governo, principalmente com a Anater. É da Embrapa também, a responsabilidade de ter uma diretoria de transferência de tecnologia para chegar na ponta, que é o que objetivam.

**Moisés Savian - SFDT/MDA** – Constata que a formação de técnicos, a maioria da área agrônômica, tem reduzidos conteúdo das áreas sociais. Como dar resposta a este déficit da formação? Destaca alguns pontos onde a Ater pode contribuir neste processo de formação: pensar a Ater para o manejo florestal, reflorestamento; como Ater contribui nos processos de regularização fundiária e sustentabilidade ambiental; como Ater pode ser um instrumento de

combate à pobreza e inclusão produtiva; como Ater se torna um instrumento importante para as mudanças climáticas. Afirma que esta mesa representa a articulação da Ater com outras políticas públicas, alinhadas com os movimentos sociais, representados nesta mesa de abertura.

**Camile/MDS** – Abordou em sua fala a Ater pensada a partir dos desafios das mudanças climáticas; e o desafio de desconcentrar a produção de arroz e feijão, para o qual a Ater pode contribuir. Afirmou ser uma Ater voltada para o agricultor familiar mais pobre. Falou sobre o programa Fomento Rural do MDS que dialoga com essas ações, assim como o PAA. Para o MDS, a política de Ater é central e precisamos fortalecê-la.

**Cleison Durval/Emater-DF, representando a Asbraer** – Constatou ser esta mesa de abertura multidisciplinar. Enumerou 4 dimensões da Ater, sendo a quarta, a dimensão tecnológica, e a Embrapa a casa desta dimensão. A formação dos agentes de Ater precisa ser atualizada, para atender às 4 dimensões, incluindo a questão de insumos e da bioeconomia. Assinala que discutiram sobre Ater na quinta e sexta-feira anteriores, durante evento do Banco Mundial. Falou sobre a importância da Ater pública, que precisa ser ampliada e as empresas fortalecidas. Citou o MDS, no campo social, e MDA, no campo agrário, compondo um corpo que vai ajudar nos desafios de Ater.

**Ronaldo Ramos/Contag** – Trouxe primeiro a questão da fome, da insegurança alimentar e da subnutrição: um grande negócio mundial, não é falta de alimento. Destacou a possibilidade de criar uma gestão produtiva na Embrapa. Declarou seu contentamento por estar na Embrapa discutindo Ater para a agricultura familiar. Citou a agenda com o Banco Mundial na semana anterior. Ressaltou as próximas agendas intensas: minicurso em extensão rural e agroecologia na UnB; evento do Fórum de professores em Santa Maria; Seminário Nacional de Ater. Finalizou com “Ninguém solta a mão de ninguém”.

**Leomárcio/ Via Campesina** – Parabenizou o MDA pelo evento – momento de preocupação com mudanças climáticas e mudanças políticas. Afirmou que a Ater cumpre papel fundamental no processo de transição agroecológica, importante diante das mudanças no clima. E em segundo lugar, a organização do tecido social nos territórios, em toda a sua diversidade, valorizando o papel dos povos e comunidades tradicionais e agricultura familiar nesse processo.

**Camilo/Anater** – Enumerou desafios em que estão focando: inclusão produtiva; transição agroecológica e mudanças climáticas. Assinalou o desafio de fazer Ater na Amazônia, a dificuldade de encontrar agentes com formação nas florestas. Reconhece o esforço de preservação das florestas, mas observa que há uma população empobrecida. Como fazer convergir todas essas ações para a COP30? “Não dá mais para esperar”, conclui.

**Daniel Peter/ MMA** – Falou do apreço da ministra pelas pautas discutidas aqui, sobretudo PCT. Trouxe também a necessidade de colocar na formação dos agentes de Ater a transição agroecológica, e que as mudanças do clima exigem o repensar dos sistemas produtivos, e também nosso papel como consumidores, transição também no consumo. Agentes precisam pensar as políticas públicas nos territórios. Lembrou também da realidade de pescadores e marisqueiras na sua cultura produtiva, e demais grupos de comunidades tradicionais – atualizar estes sistemas, mas sem ir contra a cultura. E pensar o compromisso dos agentes de Ater com essas realidades. O agente de Ater como um agente ambiental – combate ao desmatamento; reflorestamento com produção de alimento e combate à fome. Assinalou a importância do diálogo entre os ministérios, para que isso se reflita na ponta, entre técnicos.

**José Nilton/Faser** - Representando Fidelix coordenador geral da Faser. Está há mais de 30 anos na Ater pública. Afirmou que os extensionistas reconhecem seus papéis na transição agroecológica, equilíbrio ambiental e no combate à fome. E que é preciso ouvir os extensionistas lá na ponta para que a construção seja dialógica e produtiva.

**Edward Madureira/Finep/MCTI** – Afirmou que o Brasil voltou com força, que estamos retornando e que cabe a nós, pensar como podemos potencializar toda a força que temos aqui. Observou que esteve na semana anterior com os movimentos sociais e percebeu as dores de quem está lá na ponta.

**Marenilson/Dater/SAF/MDA**– Enfatizou ser esta a retomada da formação de agentes de Ater, um momento histórico.

**Regilane/Dater/SAF/MDA** – Reforçou a demanda colocada pelo ministro, sobre a formação de agentes de Ater, e que este encontro dos projetos é para dialogar sobre os desafios e articulações possíveis entre estes projetos, assim como arranjos que podem ser feitos para compor o plano nacional de formação em Ater. Chama a atenção para as presenças de: Eduarda – coordenadora geral de juventudes do MDA; Samuel – Condraf; Iracema Moura - diretora do NEAD; Cássio e Zaré - Coordenadores da SAF; Kellyane – Coordenadora geral do Departamento de Agricultura Urbana e Periurbana do MDS.

**Flaviane/UnB** – Fez o convite para o minicurso: Extensão Rural e Agroecologia para gestores públicos da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural e o lançamento do projeto ERA - Extensão Rural e Agroecologia.

### 3. Mesa 2 - Apresentação de projetos

**Composição da mesa:** Isabel Silva – Gerente e coordenadora da Anater; Cláudia Souza – GIZ (Cooperação técnica Brasil-Alemanha), Formação de Agentes na Amazônia; Júlia Stuchi – Inclusão Socioprodutiva na Embrapa; Prof. Abadia do Nascimento - Projeto Formação de Agente em Áreas de Assentamento/UFG; Marcia Muniz - Projeto Baraúnas dos Sertões de Formação de Agentes no Semiárido; Moacir Pereira – Projeto Formação de Agentes de Ater na Região Amazônica/UFGPA; Prof. Edward Madureira – Centro de Capacitação em Ater no Centro-Oeste/UFG; Prof. Flaviane/UnB – Projeto ERA - Extensão Rural e Agroecologia

Foto 2 - Mesa de apresentação dos projetos.



Fonte: Arquivo ERA

**Isabel Silva/ Gerente de Ater, Formação e Qualificação da Anater**

Iniciou apresentando quem é a Anater. A Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Anater teve sua criação aprovada pela Lei nº 12.897, em 18 de dezembro de 2013, sendo instituída pelo Decreto nº 8.282, em 26 de maio de 2014. É pessoa jurídica de direito privado, e seus quadros técnicos são contratados pela CLT. Tem regulamento próprio para licitações e contratos, regulamentação de acreditação e credenciamento de pessoas jurídicas. Seu principal papel é o de promover a execução de políticas de desenvolvimento da assistência técnica e extensão rural, especialmente as que contribuam para a elevação da produção, da produtividade e da qualidade dos produtos e serviços rurais, para a melhoria das condições de renda, da qualidade de vida e para a promoção social e desenvolvimento sustentável no meio rural.

Sobre a estrutura organizacional, relatou que a gestão é realizada pelo Conselho Administrativo (CDA – 11 membros), pelo Conselho Fiscal (CF – 3 membros) e pela Direção Executiva (Direx – com 4 diretorias): i) Diretoria Executiva – Direx: Assessoria jurídica, Assessoria de controle interno e assessoria de comunicação; ii) Diretoria presidência: Gabinete e Assessoria; iii) Diretoria técnica: Assessoria, Gerência de ATER, formação e qualificação, Gerência de gestão de contratos, Gerência de monitoramento e avaliação; iv) Diretoria administrativa e financeira: Assessoria, Gerência administrativa e financeira e Gerência de logística; Diretoria de transferência de tecnologia: Assessoria e Gerência de tecnologia e inovação.

E ainda, sobre as atribuições da Anater (baseados na Pnater), começou citando aquelas relativas à Pnater: credenciar entidades públicas e privadas; qualificar os profissionais; contratar e disponibilizar serviços; transferir tecnologia e inovação; monitorar e avaliar resultados; acreditar as entidades quanto a qualidade do serviço prestado. Até o momento credenciaram cerca de 170 entidades e há mais de 400 solicitações. Relatou ainda, que vários contratos foram rescindidos por problemas de execução.

Lembrou que a Anater executa suas ações mediante o contrato de gestão com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar e que, para cada projeto recebem diretrizes

específicas, que orientam as ações de Ater. Para isso, recebem documento técnico metodológico que orienta a execução dos programas e projetos e define os temas obrigatórios das chamadas (ex: mudanças climáticas; gênero; recursos hídricos).

Sobre as ações de formação, informo que a Anater realiza a formação das e dos profissionais extensionistas que executam os programas e projetos de Ater por ela contratados, e que, neste mesmo dia, se iniciava a formação do Programa Ater Mulheres Rurais. Todos extensionistas contratados têm que fazer a formação.

Citou ainda alguns programas da Anater: Programa Nacional de crédito fundiário; Programa Nacional de crédito fundiário terra Brasil; Programa mais cooperativo; Ater mulheres rurais; Projeto Dom Hélder Câmara; Programa Ater mais gestão; Programa comunidades remanescentes de quilombo; Programa Nacional de diversificação de áreas cultivadas com tabaco; Programa Ater orgânicos; Programa produzir Brasil; Ater digital; Ater socioambiental bolsa verde; Ater bem viver semiárido; Ater bem viver Pampa; Ater florestas produtivas; Ater indígena (está em construção). Nem todos os programas estão em vigência alguns estão em construção.

Sobre as ações de formação nos programas de Ater, afirma que há um caminho que querem assumir, que é envolver vários organismos que tenham afinidade com essas temáticas, para pensar juntos. É necessário qualificar a formação, por meio de oficinas para públicos especiais, com foco na qualificação e execução dos contratos vigentes. A participação social e o diálogo “com toda a Esplanada” são importantes na construção das formações.

A Anater é demandada pelas empresas públicas de Ater, para ofertar cursos sobre metodologias participativas e outros temas técnicos, mas ainda não ofereceram. Identificam a necessidade de qualificar a formação, pois há muito foco na produção, ampliar a escuta às comunidades assistidas e a interdisciplinaridade da equipe.

Pausa nas apresentações para apresentar **José Henrique – Secretário substituto da SAF/MDA** – Atua na organização do Plano Safra e é diretor de Financiamento, Proteção e Apoio à Inclusão Produtiva Familiar (MDA). Informa que estão colhendo sugestões para o novo Plano Safra (2024/2025). Aponta a política de Ater como base para o sucesso do financiamento. Falou que a produção de alimento saudável é uma diretriz do MDA.

#### **Cláudia Souza/GIZ – Cooperação Técnica Alemã**

Apresentação do projeto “Bioeconomia e Cadeias de valor”, desenvolvido em quatro estados: Amazonas, Acre, Pará, Amapá e no Médio Mearim/MA.

Iniciou expondo o objetivo do projeto, que é ampliar a comercialização de produtos de cooperativas e associações de comunidades locais, de cadeias de valor prioritários para o desenvolvimento da bioeconomia sustentável e inclusiva na Amazônia.

São 5 componentes: i) ampliação das compras públicas (PAA e PNAE); ii) ampliação das compras privadas - diálogo com empresas para comércio justo; iii) fortalecimento de empreendimentos - criação de pilotos; iv) formação de formadores – ampliar a formação de agentes de Ater nas instituições de ensino; v) ampliação de crédito.

Lidam, entre outros, com as cadeias do açaí, castanha, cacau, pirarucu, e com Turismo de Base Comunitária. Além de olhar para as cadeias de valores dos produtos da sociobiodiversidade, têm como temas transversais comunicação, juventude e gênero.

Nos quatro estados onde atuam, há 362 cooperativas de base familiar (com e sem DAP ativas), são 8.551 cooperados. Dentre essas cooperativas, a composição societária conta com silvicultores, aquicultores, indígenas, quilombolas, pescadores, extrativistas, assentados da reforma agrária e outros. Entretanto, há baixo percentual de agricultores(as) familiares em cooperativas: AC - 3,8%; AM – 3,56%; AP – 6,4%; PA – 1,83%.

Trabalham com quatro produtos e suas respectivas cadeia de valor: açaí (fruto/extrativismo); castanha da Amazônia (extrativismo); Babaçu (amêndoa/ extrativismo); Cacau (amêndoa/plantado).

Para a formação, contam com professoras(es) de instituições de ensino superior da região e de Escolas Família Agrícola. Para o desenvolvimento de capacidades, atuam por meio do Programa Capgestão: metodologias para formação de agentes de Ater. Assinalou que no site do programa é possível encontrar os cursos e seus materiais de apoio. Os cursos acontecem em regime de alternância e usam ferramentas conceituais e metodológicas para construção de diálogo e processos de aprendizagem experiencial.

### **Flaviane Canavesi/ UnB**

Apresentação do projeto “Extensão Rural no Brasil: os princípios e objetivos da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural revisitados”.

O projeto tem metas de pesquisa e de formação em Ater. A pesquisa é quantitativa e qualitativa e busca qualificar a política. Será realizado levantamento sobre formação, para identificar e avaliar iniciativas, qualificar o Plano Nacional de Formação de Agentes de Ater, propor cursos, e até pensar a criação de uma escola de extensão rural, com conteúdo mínimo de formação. Lembrou que a formação tem idas e vindas, e deve ser processo contínuo. Afirmou que extensionistas constroem conhecimentos, que é preciso pensar nessa perspectiva, e também: integrar pesquisa e extensão (ainda com grande déficit); a extensão rural e a construção do conhecimento; a sistematização de experiências e a educação popular, bem como suas relações com a Extensão Rural e a Agroecologia. Essa proposta do Dater/SAF/MDA integra as redes sociotécnicas.

Trouxe a reflexão sobre os termos “agentes de Ater” e “extensionista”, alertando que para fazer assistência técnica, todo currículo oferece conteúdos suficientes, mas a formação de extensionistas não é suficientemente abordada. São muitas agriculturas e os extensionistas deveriam ter formação intercultural para a compreensão desta diversidade. É preciso trabalhar em rede com várias instituições de ensino e compreender o papel da universidade na construção e qualificação das instituições, para que não se percam diante do desmantelamento de políticas públicas, como ocorreu entre 2016 e 2022.

### **Profa. Abadia do Nascimento/ Diretora do Campus de Caldas Novas – UFG**

Apresentação do projeto “Adequação de Espaços para Pesquisa e Capacitação na Agricultura Familiar para implantação inicial do Centro de Formação, Capacitação e Desenvolvimento de Tecnologias para Agricultura Familiar”.

Apresentou a estrutura do campus para a realização da formação e, a seguir, as metas do projeto.

Meta 1. Adequar espaços no CCN/UFG para implantação do centro de formação e desenvolvimento de tecnologias visando espaços coletivos para pesquisa e formação.

Meta 2. Realizar pesquisas e validações de tecnologias no manejo de cobertura do solo.

Meta 3. Realizar formação em técnicas e práticas de produção sustentável e gestão na agricultura familiar.

A formação vai atender agricultoras/es, estudantes e técnicas(os). Haverá também produção de materiais didáticos. A formação para agricultoras(es) visa à produção de alimentos e geração de renda.

### **Márcia Muniz/UFRPE**

Apresentação do projeto “Baraúnas dos Sertões – Fortalecendo a Ater agroecológica e feminista no semiárido brasileiro”.

Objetivo do projeto: apoiar ações de formação e construção do conhecimento para o fortalecimento da agricultura familiar no semiárido nordestino, com foco na agroecologia e no feminismo e com a participação de organizações da sociedade civil.

O projeto é integrado pela formação em Ater que possibilita a formação ativa e participativa especializada para agentes de assessoria técnica, agricultoras(es) familiares, jovens rurais, a partir dos princípios da agroecologia, do feminismo e da convivência com o semiárido, possibilitando a qualificação das ações da Ater como instrumento fundamental para o desenvolvimento do semiárido brasileiro, com aumento da renda e garantia da segurança alimentar e nutricional das famílias e fortalecimento da autonomia das mulheres e juventudes.

Observou que o projeto é uma demanda dos atuais parceiros: Rede Ater do Nordeste de Agroecologia, Rede de Feminismo e Agroecologia e GT Mulheres da ANA, e, a seguir, enumerou as ações previstas e a metas:

- 1) Curso de Especialização e Extensão
- 2) Seminários temáticos
- 3) 6 intercâmbios entre mulheres
- 4) 2 intercâmbios entre jovens
- 5) 6 intercâmbios entre experiências exitosas de Ater em feminismo e agroecologia
- 6) 10 Sistematizações da metodologia LUME
- 7) 200 Sistematizações da metodologia Cadernetas Agroecológicas
- 8) Oficinas de comunicação para jovens
- 9) Oficinas para mulheres
- 10) Apoio à comercialização - feiras locais e acesso a mercados (por exemplo, PAA e PNAE).  
Formação de novas redes sociotécnicas nos territórios

- META 1. Realização de curso de formação para agentes de ater e agricultoras(es) familiares;
- META 2. Multiplicação de experiências e ações territoriais (realização de seminários formativos, intercâmbios e oficinas com técnicos de ater, famílias agricultoras, jovens rurais e estudantes);
- META 3. Monitoramento e avaliação;
- META 4. Comunicação em agroecologia e ater;
- META 5. Administração e finanças com fundação de apoio.

Para a gestão do projeto, criaram alguns GT e um deles é de construção do conhecimento, que planeja os cursos.

### **Professor Tarcísio/UFRPE**

Deu continuidade à apresentação do projeto “Baraúnas dos Sertões”.

Falou sobre o curso de formação, cujo tema fundamental é Ater, além de temas como feminismo, agroecologia e antirracismo. Falou sobre a demanda das mulheres, que solicitam que a formação deve privilegiar o que já acontece nos territórios, para que não sejam ainda mais sobrecarregadas. O curso deve dialogar com experiências de produção de conhecimento, sistematizando experiências. Apontou como desafio, o tamanho do território abrangido, com poucos recursos.

### **Moacir Pereira/UFPA-Altamira**

Apresentação do projeto “Formação de agentes e assessores técnicos rurais em bioeconomia Amazônica”.

Metodologicamente a proposta conta com três frentes de ação: a) diagnóstico socioprodutivo e assessoria técnica rural em bioeconomia, buscando-se verificar as potencialidades da sociobiodiversidade, os empreendimentos coletivos de bioeconomia e as condições das assessorias técnicas rurais para atuarem nos processos que potencializam a bioeconomia; b) formação de agentes e de assessores(as) técnicos(as) rurais em processos que possam subsidiar a valorização da biodiversidade, a compreensão da diversidade social, o respeito aos saberes originários e tradicionais, a implementação de inovação sustentável, a valorização da floresta em pé, a melhoria nas cadeias de valores dos produtos da bioeconomia, o acesso às políticas públicas de compras da agricultura familiar, adequação e regularização dos empreendimentos comunitários familiares e artesanais no que tange às normas vigentes de acesso aos mercados; e c) assessoramento aos empreendimentos coletivos rurais de base familiar, selecionados no diagnóstico.

Apontou a Amazônia como parte de um projeto geopolítico de exclusão, pobreza e mudança do clima. Para pensar a bioeconomia, deve-se pensar no ordenamento deste território, a bioeconomia como parte da luta pelo reordenamento. Há 3 aspectos da bioeconomia: biotecnologia, biorrecurso e bioecologia, este último é o foco principal.

O projeto é de Extensão Universitária, de pesquisa-ação, ligado ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPA, vários campi envolvidos e parcerias com outras IES. Trata-se de um *case* de sucesso do CapGestão. Falou sobre a importância da institucionalização do tema da bioeconomia para o desenvolvimento territorial nas IES e no estado do Pará. Atuam em 5 das

12 regiões de integração definidas pelo governo do estado (77,2% do território). Nestas 5, há ainda muita floresta. Entretanto, a Ater não atende a maioria das famílias: são mais de 3800 unidades de agricultura familiar e somente 5% têm acesso à Ater. Objetivam melhorar a autonomia dos territórios.

Etapas do projeto: i) diagnóstico - compreender os territórios (potencialidades, demandas socioespaciais, etc); ii) assessoramento – 2 empreendimentos em cada região serão acompanhados por estudantes da especialização; iii) formação - com bolsa de estudo.

### **Edward Madureira/UFG, Finep**

Apresentação do projeto “Programa de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e contribuições para Agenda 2030 (PROFOR-EXT)”.

O projeto objetiva fortalecer a formação de técnicos e jovens assentados da reforma agrária para desenvolvimento de conhecimento e metodologias de extensão universitária, destinadas à agricultura familiar. Lembra que nas universidades a formação não é voltada para agricultura familiar. Será desenvolvido por 16 universidades e institutos federais do país, abrangendo unidades familiares de produção agrícola e suas organizações relacionadas aos assentamentos rurais em diferentes configurações, atendendo à Agenda 2030. A proposta nasceu na UFG e, como outras universidades tinham propostas semelhantes, o projeto se tornou nacional. Aproveitam o momento da curricularização da extensão universitária para a implementação do projeto. Há uma coordenação regional em cada universidade. No campo há sempre um residente, que faz a ponte entre universidade, estagiários e agentes locais (jovens das comunidades). A escolha das comunidades foi feita junto com o INCRA, que tem dado prioridade para assentamentos novos e também quilombolas e indígenas.

### **Júlia Stuchi/Embrapa**

Trabalha com inclusão socioproductiva na Embrapa, onde está sendo criada gerência específica para tratar desta temática: para isso veio trabalhar na sede da empresa. Afirmou que a instituição está preocupada para este tema, e não só sua diretoria, havendo um esforço para trabalhar com outros parceiros no sentido de fortalecer esta pauta. Atua na Diretoria Executiva de Negócios, que deve mudar de nome para atender ao novo direcionamento. São 43 unidades descentralizadas em todo Brasil e 22 unidades centrais.

Apresentou, como estratégias para fortalecer a Ater:

Fortalecimento da Pnater - integrar com outras políticas para superar desafios de inclusão socioproductiva; fortalecer colaboração com Oepas, universidades e instituto federais, sistema de Ater, organizações de produtores, estados e municípios; atuar considerando o contexto territorial específico e com abordagens, metodologias e práticas adequadas; priorizar o fortalecimento da organização social com autonomia para comercialização de produtos e acesso aos mercados; incentivar a participação de jovens através da capacitação para uso de ferramentas digitais.

Chamadas Públicas - Colaborar no aperfeiçoamento dos critérios técnicos para chamadas públicas de Ater mobilizando a rede interna de pesquisadores e analistas com expertise nas

diferentes áreas do conhecimento; ações de estruturação de novos projetos para captação de outras fontes de recursos.

Comunicação para o desenvolvimento - conexão com públicos do Brasil profundo.

Construção de plataformas colaborativas – apoio a redes sociotécnicas e organizações da agricultura familiar.

Redes de PD&I – fortalecê-las, apoiar iniciativas inovadoras nos territórios e interagir com redes locais.

Trouxe também exemplos de projetos relacionados com Ater: i) Observatório das Mulheres Rurais no Brasil; HubTech - inclusão digital da Agricultura Familiar (Ater Digital), parceria com Mapa, MDA, IICA, BID e 14 unidades da Embrapa; ii) E-campo - capacitações a distância, em 2023 realizaram 132 capacitações (110 gratuitas) com mais de 206 mil inscritos; iii) há formação em quase todas as unidades da Embrapa, parcerias com as EFA no AP, no Oiapoque a formação indígena; iv) Projeto Agrobiodiversidade no Semiárido - em 7 territórios; v) Projeto Balde Cheio; vi) Manejo comunitário da Agrobiodiversidade (pró-semiárido).

#### **4. Mesa 3 – Debate a partir de questões norteadoras**

Esta mesa teve como foco o debate sobre duas questões:

O que percebemos/destacamos sobre estes projetos/ações? (pontos de convergência, linhas de ação comuns, especificidades)

Quais as possibilidades e caminhos de articulação para que estes projetos componham uma primeira concepção, arranjo institucional e metodológico para o Programa de Formação de Agentes de Ater?

Participantes da mesa fizeram seus comentários e as pessoas da plenária puderam também se expressar.

Foto 3 - Mesa de debate.



Fonte: Arquivo ERA.

**Antes de iniciar o debate proposto, houve a apresentação do MDS, dando continuidade à mesa anterior.**

#### **Kellyane/MDS/Sesan/Departamento de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável**

estacou ações com a agricultura urbana e periurbana, pois a fome nas periferias das cidades é grande, por meio de 3 eixos: i) promoção de alimentação adequada e saudável; ii) Programa Nacional de Agricultura Urbana; iii) nova composição de cesta básica de alimentos. E que estas ações têm em comum o direito à alimentação para a sociedade e a intersectorialidade, e afirma não ter como pensar nestas ações sem pensar na Ater. Principalmente as ações de agricultura urbana e periurbana.

Defendeu a inclusão da agricultura urbana e periurbana na Ater e a formação dos agentes de Ater que dialoguem com a AUP. Trouxe exemplos de projetos já existentes, que dialogam com Ater: Projetos hortas pedagógicas; 9 cursos de voluntariados para acompanhamento das hortas urbanas; cursos virtuais de gestão de hortas pedagógicas e implantação e gestão de hortas comunitárias (com a Embrapa Hortaliças, será lançado este ano); sisteminha para produção de alimentos em áreas urbanas.

Por fim, falou do Programa de Fomento à Agricultura Urbana, que será lançado ainda este ano, com o GT Agricultura Urbana e 4 ministérios.

**Segue o debate, a partir das questões colocadas acima.**

#### **Diretor do Departamento de Desenvolvimento Territorial e Socioambiental - MDA**

Informou que em abril (24-26) será relançado o Programa dos Territórios do governo federal. Trouxe a necessidade de definir melhor o conceito de território por ser muito importante para Ater. São espaços de discussão política e técnica e precisam ser mais bem definidos.

Pontuou que há diferenças entre agente de Ater e extensionista rural. Trouxe o modelo de agentes de Ater de Chayanov, os quais são lideranças de movimentos sociais que levantam os problemas e desenhos de desenvolvimento e chamam especialistas para necessidades específicas. E questionou: como podemos articular as ações das universidades com as unidades da Embrapa e movimentos sociais para construir uma proposta? Falou da importância de fóruns de Ater municipais e territoriais e a importância da Ater estar articulada com o PAA, PNAE.

### **Extensionista da Rede Ater Nordeste de Agroecologia e Projeto Baraúnas do Sertão**

Cobrou editais para as redes de Agroecologia, lembrando que sua rede nasceu com apoio do MDA. Pontuou a importância de pensar a formação interna nestas redes, de dentro para fora, a exemplo das organizações de Ater da Bahia, que a cada 3 ou 4 meses realizam oficinas técnico-metodológicas onde a entidade tem que avaliar e planejar as ações, ou seja, processo formativo. Sugeriu então, que este mecanismo poderia estar nas chamadas públicas, mantendo processos formativos internos nas entidades.

Lembrou a importância de estabelecer diálogo com o MEC sobre os cursos de graduação que tratam da extensão rural, a fim de mudar suas estruturas, pois, a seu ver, as universidades ainda estão no tempo da Revolução Verde. Trouxe o exemplo do Projeto Pró-Semiárido, financiado e premiado no FIDA, que formou um núcleo de estudos em agroecologia e convivência com o semiárido, no qual as 10 instituições da sociedade que participam da execução se reúnem regularmente. O projeto é coordenado pelo governo da Bahia.

### **Subsecretária de mulheres rurais/MDA**

Quando falamos de gênero não é para ser abordado somente no Programa Ater Mulheres e na secretaria de mulheres, mas para ser um tema transversal em todas as políticas. Como o tema atravessa outros projetos? Módulo específico de gênero precisa ser trabalhado em todos os projetos, se queremos enfrentar as desigualdades no campo. Precisamos ter esse olhar especial. Observa que no projeto da UFG não aparece o tema de gênero em seu texto, ainda que tenha sido falado na apresentação do projeto.

### **Vice coordenador do projeto de implantação do Centro de Formação de Desenvolvimento de Tecnologias para Agricultura Familiar - UFG**

Colocou alguns questionamentos: como conectamos tudo isso falado nesta mesa? como conectamos com o guia alimentar brasileiro? Trouxe a importância, por exemplo, de valorizar os produtos minimamente processados nos restaurantes. Trabalhar a cultura gastronômica para que haja valorização dos ritos de produção. Em Caldas Novas, com forte rede hoteleira e experiência turística, trabalham a alimentação neste contexto. Como a gente muda a cultura a não ser pela imersão? Como ligar o alimento à saúde? Falou também da importância dos materiais impressos para agricultores, ainda não tão conectados com os formatos digitais.

### **Servidor do Departamento de Políticas de Gestão Ambiental Rural/MMA**

Disse não ter identificado a espinha dorsal dos programas de formação, ou como outras instituições podem se integrar. E lançou questionamentos: que tipo de extensionista queremos formar? um generalista? que temas são importantes? quem comporá a rede de formadores?

Sobre a Bioeconomia, observou que povos tradicionais (PCT) reagem ao termo e são o público da sociobiodiversidade, e sugeriu que compreender como a economia da biodiversidade é uma proposta interessante para o termo bioeconomia. Trouxe a importância do diálogo direto com o campo e os extensionistas: o que precisam? que metodologias são necessárias?

Afirmou a importância de desenvolver estratégias pedagógicas por meio do diálogo com extensionistas e destes com agricultores. E ainda questionou quais os indicadores para avaliar essas ações e que territórios são esses, referindo-se à necessidade de conhecê-los.

### **Servidora da Anater**

Trouxe questionamentos como: somos extensionistas ou agentes de Ater? que Extensão Rural queremos? E também a importância da educação popular neste contexto. A ação continuada e o alinhamento de ensino, pesquisa e extensão, trazendo como exemplo positivo a pesquisa-ação no projeto Baraúnas dos Sertões.

Como exemplo, falou da formação continuada e da produção de materiais, aliando gestão e recursos públicos com organismos internacionais (PNUD, IICA, por exemplo). Ressaltou a importância do controle social, exercido pelo Condraf e por movimentos sociais, para acompanhamento de programas. Afirmou que a Faser quer participar desta construção e que os territórios são os locais onde é possível fazer pesquisa-ação continuada.

### **Extensionista da Faser e Emater-DF**

Observou que há artigos científicos que culpabilizam os extensionistas pelas dificuldades da Pnater, e que a formação nos territórios é fundamental, mas valorizar os técnicos e extensionistas que estão no campo, também é fundamental. Lembrou que dia 16 de abril é o dia nacional de valorização da Ater pública. “Queremos falar sobre nós mesmos e participar.”

### **Servidora da Anater**

Afirmou haver avanços na qualificação do perfil do extensionista nas chamadas públicas e no olhar para os territórios como território de vida e não só de produção de alimentos. Assinalou que a Ater deve ser plural e o MEC deve se envolver neste debate, por não ser boa a formação nas universidades, que em geral abordam a extensão rural somente em uma disciplina, com 45 ou 60 horas. Trouxe o papel dos NEA (Núcleos de Estudos em Agroecologia) e indicou a plataforma Agroecologia em Rede para conhecer melhor os NEA; e também da CUT, na formação de extensionistas. Lembrou que no programa Pé de Meia do governo os jovens rurais e as Escola Família Agrícola ficaram de fora e esta é uma demanda importante. Falou também da obrigatoriedade de 50% de mulheres nas equipes de extensionistas.

### **Professora da UnB**

Trouxe a importância da parceria do MDA com as universidades para a Pnater. Não só pela reconstrução, mas também muitas novas construções, pois entende que a Universidade é uma frente de disputa importante, já que algumas estruturas conseguem se manter mesmo diante dos desmontes das políticas públicas. Falou sobre a atuação das mulheres nos espaços políticos, desde 2003, na construção da Pnater, onde as mulheres foram pouco incluídas. Mesmo agora, afirmou referindo-se às mesas de abertura e de execução das políticas, vê-se que ainda não estão bem representadas. Na pesquisa que coordena, vai buscar entrevistar percentuais iguais de homens e mulheres. Falou sobre a necessidade de atualizações metodológicas, como por exemplo o DRP. No projeto ERA, pretende interagir com o método LUME e as Cadernetas Agroecológicas, assim como as metodologias de convivência com o semiárido e os projetos da UFPA (Amazônia) e da UFG (Cerrado). Também entender peculiaridades e sistematizar experiências que possam colaborar com as políticas públicas. Perguntou se seria justo usar o termo bioeconomia, se não seria um assédio aos povos da floresta, pois ouviu isso de uma pessoa na Amazônia.

Sugeriu a criação de grupo de trabalho que se reúna regularmente para identificar convergências e levar ao Comitê de Ater e à Cnapo, e também dialogar com o Fórum de professores de extensão rural e com a ABA para ampliar ações.

### **Professor da UFG**

Informou que o projeto da UFG trabalha com 50% de mulheres entre os agentes locais, residentes e estagiários, assim como 50% de cota racial.

### **Professora do Projeto Baraúnas**

Trouxe a questão das pescadoras, para as quais não há Ater. Na metodologia LUME há muitos avanços, mas não sobre a divisão do trabalho doméstico e o projeto está nesta campanha, com as organizações da sociedade civil, trazendo suas experiências com extensão.

### **Representante da GIZ**

Informou que o projeto por ela apresentado trata a bioeconomia na perspectiva da sociobiodiversidade. Estão produzindo material sobre mulheres (gênero em cadeias de valor) em parceria com a Subsecretária de Mulheres Rurais, onde analisam a participação em cada elo da cadeia. A violência contra a mulher na Amazônia rural é assustadora. São comunidades distantes onde a polícia não chega. O território indígena mais próximo de Altamira está a 4 horas de voadeira, 250 litros de combustível são necessários, a 9 ou 10 reais por litro. Há territórios a uma semana de barco. Difícil contar com 50% de mulheres, onde os maridos sequer as deixam falar, podendo depois apanhar em casa. É muito complexo o trabalho de gênero nestes locais. E questiona: como formar extensionistas para trabalhar nestas realidades? As equipes precisam ter profissionais de diversas áreas, por exemplo, os engenheiros químicos, de produção, engenheiros que possam colaborar na construção de barcos em comunidades ribeirinhas. Reivindicou também a presença do MEC neste debate, a

fim de realizar alterações curriculares e adequações à realidade, bem como inserir a Extensão Rural no currículo de outros cursos que não de agrárias.

UFV, UFRR e UFAP fizeram mapeamento de cooperativas, que ela julga não ser o melhor modelo para a Amazônia, e sistematizaram os dados, mas ninguém está pesquisando as associações e grupos informais.

Para a GIZ, a bioeconomia (termo que vem do governo anterior) é a produção da sociobiodiversidade, sustentável e inclusiva. O projeto vem desde os governos anteriores e estão no 10º ciclo. Começaram no governo Lula 1, com projetos de 2 anos e leva outros 2 anos para tramitações entre os dois países para cada novo ciclo.

Com o Acre estão construindo um Capgestão indígena, com a CPI (Comissão Pró-Indígena), que tem um centro de formação e há 20 anos formam indígenas. Formação de formadores, que irão para as escolas. Estão abertos a colaborações, críticas e dispostos a adaptações para elaboração de materiais.

### **Pesquisador da UFPA**

Levantou a discussão da agricultura urbana e periurbana na região do Guajará (região metropolitana de Belém), onde há pouco uso urbano do solo, com mais floresta e agricultura, mas a Ater só chega a 8% das famílias. Traz o papel pedagógico das hortas nas escolas.

### **Servidor do MDA/ DIPTA/SAF**

Apontou a necessidade de levar a transição agroecológica para os povos do campo, das florestas e das águas. Como a Ater contribui para este processo é o centro da questão. Há um conjunto de políticas públicas - crédito, inovação, construção do conhecimento, que deve chegar na ponta. Lembrou ainda que é preciso avançar na questão da universidade, pois há egressos dos cursos de Agroecologia com dificuldade de se inserir no mercado de trabalho e muitos são jovens do campo. Importante também formar em termos de conteúdo e metodologia. Fazer com que os agricultores sejam os agentes de Ater por meio das chamadas de Ater.

### **Professora da UnB**

Questionou o que o MDA quer com estes instrumentos (referindo-se ao programa de formação), sendo importante ficar claro para que os projetos possam se articular. Em seu entendimento, não devemos trabalhar com a política de 2003. Cada território tem características e ativos, é um conceito polissêmico, mas há também características simples, elementos naturais, vida social e cultural interagindo aí, o que permite olhar como categoria ou conceito e olhar as intersecções, para trabalhar com as políticas públicas. E perguntou: extensão rural para quem?

A partir da fala do Cássio sobre transição agroecológica, se este é o nosso ponto de chegada para alimentação saudável, enfrentamento das mudanças do clima e sistemas alimentares para inclusão produtiva e melhoria da qualidade de vida - é isto que deve estar no horizonte. Onde

vamos chegar? Nos juntemos para pensar indicadores baseados nestas finalidades. Sugere criar um grupo para definir o que nos une.

Olhar para uma agricultura familiar mais vulnerável que está no registro do Programa Bolsa Família.

### **Professora da UnB**

Falou de outro projeto da UFRN, com subsídios (TED) do MDA, que envolve as regiões NE, N e o DF, com o tema da agricultura urbana e periurbana. Haverá Seminário da Rede DF, na Fiocruz dias 10 e 11/04. Falou sobre o desmantelamento da extensão rural desde a extinção da Embrater. Em 2010 a Agroecologia saiu da lei e agora temos uma política de agroecologia. A SAF passou a ter a Agroecologia no nome. Agora é pensar a extensão rural como ação urbana e substituir planejamento urbano/ planejamento rural por planejamento territorial.

### **Coordenadora do Dater/SAF/MDA**

Informou que participou da equipe de transição do governo e ouviu dos movimentos sociais que deveriam ler tudo que foi sistematizado anteriormente, o que foi levado a sério. A formação de agentes de Ater está no documento da Conferência de 2016 e no Programa de Formação (2013). A agroecologia é o grande mote e alguns documentos precisam ser atualizados. Observa que o foco deve estar nas famílias, mas também nas redes, que muitas vezes transcendem os territórios. Há no ministério o compromisso de tirar a Ater e a formação de agentes da invisibilidade.

### **Representante do MDS/Sesan**

Trouxe a preocupação de trazer a agricultura familiar para o CAD único.

### **Encaminhamentos:**

#### **Marenilson/Dater/SAF/MDA**

Disse que os projetos mostraram que há muitas convergências, ainda que tenham sido elaborados separadamente, e que seria formado o GT e esta discussão iria para o Comitê Permanente de Ater (do Condraf). Demonstrou intenção de, no final de maio, fazer uma outra rodada dos projetos e da sistematização da reunião ser repassada a todos, assim como as apresentações, em busca de integrar outros projetos que não estiveram presentes. Gostou da ideia da escola de Ater e sugeriu a criação de plataforma para reunir as diversas plataformas institucionais. E questionou como montar uma estratégia de formação, se o tempo é curto e os recursos escassos.

Afirmou ainda que a transição agroecológica está na apresentação do Dater, assim como a inclusão produtiva, SAN, mudanças do clima; e que não vão financiar projetos para envenenar mais o país, ou que não combatam racismo ou discutam a questão de gênero.

Concluiu falando de duas ações essenciais para este ano (compromissos): i) os editais das chamadas públicas da Anater; ii) dias 07 e 08 de maio, no seminário nacional de Ater, o tema central será o diálogo e como de fato, a partir de tudo isso, criar convergências para criar o Programa Nacional de Formação de Agentes de Ater.

### **Regilane/Dater/SAF/MDA**

Reafirmou que o tema da formação seria uma das pautas do seminário nacional de Ater; e que, durante o seminário, o ministro deverá assinar um protocolo de intenções com a universidade para criar o programa nacional de formação. Propôs a realização de reunião virtual e mesa de debate sobre este tema no seminário; e reunião virtual seria para o grupo dos projetos.